

## **Perda do sentido do ser e a calculabilidade do humano pelas ciências.**

*Thiago Gandra do Vale\**

### **Resumo**

A proposta desse trabalho será apresentar a partir da filosofia de Martin Heidegger que diante da perda de sentido do ser o homem se torna um objeto de especulações científicas, onde nenhuma desvela a essência humana. Assim, na era tecnológica, o homem deixa de ser um ser ontológico para se tornar um objeto matemático, ou seja, algo em que se acredita que passando pela calculabilidade científica se pode chegar à sua essência. Nesse trabalho, dialogando com o pensamento de Heidegger, buscaremos mostrar que esse esquema de investigação adotado pelas ciências, denominado por ele de “armação” (Gestell), não atinge a essência humana, pois se trata da herança moderna da vitória do método sobre a ciência, em que se busca pelos meios científicos o cálculo e controle das coisas, inclusive da espécie humana.

**Palavras chaves:** Alétheia, técnica, armação, ser, homem.

Sabemos que o foco da filosofia heideggeriana é a problemática do ser, o que faz com que as abordagens das coisas e do próprio homem passem pela ontologia, algo que proporciona uma investigação mais autêntica do que se propõe a analisar. A filosofia, em sua abordagem metafísica das coisas ao longo da história, fracassou como aponta Heidegger em sua obra *Ser e tempo*, mostrando a necessidade de destruição da ontologia, para que a mesma possa ser reconstruída e também os novos rumos para a história. É o que encontramos no sexto parágrafo de sua obra:

Caso a questão do ser deva adquirir a transparência de sua própria história, é necessário, então, que se abale a rigidez e o enriquecimento de uma tradição petrificada e se removam os entulhos acumulados. Entendemos essa tarefa como *destruição* do acervo da antiga ontologia, legado pela tradição. Deve-se efetuar essa destruição seguindo-se o *fio condutor da questão do ser* até chegar às experiências

---

\*Mestrando em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto.  
gandra.thiago@hotmail.com

originárias em que foram obtidas as primeiras determinações de ser que, desde então, tornaram-se decisivas (HEIDEGGER, 2006, §6, p. 61).

O que se percebe é que a metafísica ao falar do ser fracassou e acabou dizendo sobre os entes, para nosso filósofo é crucial o não esquecimento da diferença ontológica (*die ontologische differenz*), que trata de mostrar que o ser não é um ente. Foi assim que a metafísica se estabeleceu no ocidente, se esquecendo dessa diferenciação, e as outras áreas da filosofia como ética, estética e a antropologia, acabaram assumindo as sentenças metafísicas como seu fundamento na investigação que se propunham a fazer de seus objetos, ou do próprio homem.

É o que podemos perceber no percurso histórico da filosofia, como por exemplo, em Platão, que embora não tivesse a noção da palavra antropologia, algo que veio a ser formulado posteriormente no século XVIII, impulsionado por diversas ciências<sup>1</sup>, e Aristóteles que é nomeado como o fundador da antropologia como ciência, muito embora o objetivo dos dois fosse dar respostas à pergunta *o que é o homem*, não tinham noção de que estavam fazendo antropologia filosófica. É importante entendermos que as respostas que ambos davam a pergunta mencionada, tinham como seu fundamento proposições metafísicas, quando, por exemplo, Platão mostra que o homem é um ser dualista (corpo/alma, *sômapsyché*), e Aristóteles do homem como um ser racional (*zoon logikón*), característica primordial que distinguia o homem das outras espécies existentes.

Essa premissa aristotélica foi elevada a máxima pelo espírito moderno racionalista, sobretudo por Descartes, que atribui o homem ao pensamento, ou seja, ao Cogito. “Toda metafísica, desde a alba dos tempos modernos, é quer antropocêntrica, quer dizer, coloca a essência do homem, o sujeito como base e fundamento inabalável de todo o saber, [...]. (HAAR, 1990, p.95) É justamente nesse período que surge o desenvolvimento científico na busca do desenvolvimento humano, acompanhando das sentenças metafísicas de fundo. “Aquilo que a filosofia, no transcurso de sua história, tentou em etapas, e mesmo nestas de maneira insuficiente, isto é, expor as ontologias das diversas regiões do ente (natureza, história, direito, arte), as ciências o assumem como tarefas suas” (HEIDEGGER, 2009, p. 68).

Como vemos na citação acima, o que Heidegger procura mostrar é que as diversas ciências hoje, como antropologia, física, química e demais, assumem para si aquilo que a

---

<sup>1</sup> Sobre o surgimento da questão da especulação sobre o que é o homem com o nome de antropologia, conferir o livro *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz que constará nas referências, entre às páginas 17 a 19.

filosofia quando era vista como à totalidade das ciências trazia para si, que era responder “porque existe afinal o ente e não o nada?” (HEIDEGGER, 1996, p. 63). Na era do acabamento da metafísica, as ciências se regionalizaram, e com isso ganharam o nome de ontologias regionais por Heidegger, porque tratam de problemáticas metafísicas, buscando assumir aquilo que esse sistema não conseguiu responder.

As ciências, não obstante, ainda falam do ser do ente ao sentirem-se obrigadas à suposição de suas categorias regionais. Apenas não o dizem expressamente. Podem, contudo, rejeitá-la. Pois a cientificidade das ciências é a certidão que atesto seu nascimento da filosofia (HEIDEGGER, 2009, p. 69).

Heidegger é um filósofo que preferiu ler a história a partir da ontologia, mostrando que nossa situação condiz com o modo como o ser foi repercutido no ocidente. Consequência disso, embora as ciências busquem negar aspectos metafísicos em suas abordagens, a ontologia permanece como questão de fundo, ainda que muitas vezes as ciências não percebam isso, ou não assumem, que a resposta que buscam é a mesma que a metafísica um dia assumiu para si, o que nos leva a entender que a ontologia permanece como algo investigado por elas.

Mas o que se percebe hoje é que mesmo mediante a todo esse esforço das ciências em garantir algum fundamento para o ser humano, o ser permanece impensado, é o que diz Heidegger (2009, p.78) “Na filosofia, contudo, permanece impensada a clareira como tal que impera no ser, na presença, ainda que em seu começo se fale da clareira.” O filósofo nos mostra com isso que na época do fim da filosofia (enquanto ciência da totalidade), em que ela se transforma em ciências empíricas, o ser não foi pensado nem por aquela e nem por estas. Isto porque ele se desvela no tempo como *αλεθεια*, uma verdade em que algo se resguarda no encoberto, e que Heidegger a assemelha a clareira, na tentativa de estabelecer a *Lichtung* com o vocabulário incipiente dos gregos<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> A clareira (*Lichtung*) é algo que Heidegger em *A origem da obra de arte*, mostra que brota em meio à escuridão. É como se em meio aos troncos de árvores de uma floresta fechada observássemos feixes de luz, e caminhando em direção a eles, ao chegar em seu destino depois do desbravamento de uma intensa mata, e olhando em sua volta, vemos essa imensa floresta que lhe garante a escuridão, não apenas uma claridade completa, como ocorrer com a *αλεθεια*, que é o desvelamento onde algo permanece velado. Sobre essa relação orientamos a leitura de Marlene Zarader livro *Heidegger e as palavras de origem*, página 84, que se encontrará com referência completa no meio das demais no fim do texto.

Com o desenvolvimento das ciências a partir da modernidade e sua busca por pensar o fundamento que a filosofia se propôs a oferecer, em suas bases metafísicas, surge um novo modelo de humanidade que Heidegger nomeia de técnico-científica, isto porque o homem atual se encontra correspondente com o modo que as ciências ditam à existência humana e com isso formulam uma cultura e um modo de conceber e lidar com a realidade e os desafios que aparecem a essa existência.

Entretanto, o homem de hoje, na verdade, justamente não encontra mais a si mesmo, isto é, não encontra sua essência. O homem está tão decididamente preso a comitiva do desafiar da armação, que não a assume como uma responsabilidade, não mais dá conta de ser ele mesmo alguém solicitando e, assim também, não entende de modo algum ao fato de que, a partir de sua essência, ele ek-siste no âmbito de um apelo e que, por isso, nunca pode ir somente ao encontro de si mesmo (HEIDEGGER, 2007b, p. 390).

Esse desenvolvimento científico que surge na modernidade, Heidegger chama de técnica, mas que possuiu sentido oposto ao da τέχνη dos gregos. Para os gregos está era um meio de produção que mantinha uma relação com a ποιήσις, isto é, uma inspiração poética em suas produções, que colaboravam com a φύσις no desvelamento do ser. Já a técnica moderna, está traz consigo o que Heidegger chama de “armação” (Gestell), que trata de ser algo que está por trás da técnica e que dita como o objeto em análise deve ser conduzido na pesquisa.

A armação é o que opera sobre ou sob a metafísica moderna, talvez o que lhe confira essa condição (moderna) e, como tal, o que secretamente lhe ajuda a assumir o caráter de vontade de poder. Enquanto a essência da técnica moderna, é a verdade do nosso subjetivismo e da metafísica da subjetividade. A armação, observa, não designa nenhuma espécie de aparelho, assim como não designa seu conceito universal em termos de totalidade (RÜDIGER, 2006, p. 142).

Com isso percebemos que o momento do domínio científico que vivemos se distanciou da nossa origem histórica-ocidental, o que para Heidegger ([198-?], p. 7), utilizando uma citação proferida por Nietzsche no século XIX, justifica o momento em que vivemos, o da vitória do método sobre a ciência. É assim que a técnica moderna com o seu esquema da armação se posiciona em suas pesquisas. Esse espírito técnico-científico, influência diversas coisas como a arte, que é o que Heidegger questiona em *A proveniência da arte e a determinação do pensar*, quando ele apresenta o que era a arte na Hélade, mostrando

como os gregos relacionavam com essa na origem da cultura ocidental, e questionando se a arte ainda hoje permanece próxima a sua origem<sup>3</sup>, que é o acontecimento da verdade, apresentada em *A origem da obra de arte*.

Para o filósofo, a arte na era da tecnologia se converte em projeto cibernético, se tornando o que ele chama de feedback de informações, auxiliando na construção do espírito científico. É importante deixarmos claro que para Heidegger o problema não é o desenvolvimento científico, este até tem de acontecer enquanto decorrência histórica e momento do acontecimento do ser, o que o pensador da floresta negra questiona é a cultura que a técnica sustentada pela armação, vem gerando na sociedade atual, que é aprisionada a uma metafísica que busca definições ao ser<sup>4</sup> da qual as ciências não se desvencilharam. Vejamos o que diz Rüdiger (2006, p.16):

Para nós, parece claro que a técnica e cultura não se opõem de maneira mecânica, como simples opostos: elas interagem de maneira dialética, isto é, formando uma unidade em tensão na realidade histórica. A práxis humana as articula em conjunto, mas não totalmente, porque cultura e técnica não são, em si mesmas, idênticas. A técnica ou racionalidade é o saber posto em prática de forma mais ou menos alienada (na máquina). A cultura ou imaginação é o elemento criador desse saber, a força que transcende a ação corporal e a operação maquinística. Na contemporaneidade, a primeira é cada vez mais científica e maquinística; a segunda, embora tendencialmente menos, não deixa de ser criadora e metafísica.

É nessa cultura científica criada pela armação que a antropologia se propõe a pensar o homem. A armação vê tudo como reservas de recursos para ser explorado, inclusive o próprio homem, o qual busca dominar para ter controle sobre a espécie. “Em Heidegger, o fundamental em todo o processo, portanto, é a conversão de tudo o que existe, incluindo o homem, em manancial de recursos” (Rüdiger, 2006, p.44). Assim a armação tenciona o homem a pensar tudo como sensível e calculável, levando-o a acreditar que o mundo pode ser colocado dentro de um projeto matemático e medido por completo. Assim vai se formulando a cultura científica, que é composta por intervenções da armação em diversas áreas, como as mencionadas neste texto, a arte e a antropologia.

---

<sup>3</sup> É importante sabermos que origem para Heidegger se refere à essência, é o que ele apresenta logo nas primeiras linhas de *A origem da obra de arte* quando propõe a se debater o que significa origem.

<sup>4</sup> No projeto de *Ser e tempo*, podemos perceber que o ser é interpretação, aliado a fenomenologia, e não definição, que é o que a tradição metafísica tentou realizar em seu momento histórico, e que o desenvolvimento científico assume para si.

Diante do cenário atual exposto, a antropologia também convertida em projeto cibernético, como foi com a arte, busca cada vez mais especular a espécie humana, como uma reserva de recursos que se deve exercer o máximo possível de controle, inclusive com a possibilidade de intervenção na espécie, interferindo em sua reprodução, diante de informações possuídas pela bioquímica e pela biofísica que especularam com intensidade a gameta do ser humano na busca intensificada de domínio do homem.

Mas a ciência cibernética do homem, que procura alicerçar uma antropologia científica na exigência normativa do método (o projeto de calculabilidade), pode ser comprovada experimentalmente com maior grau de certeza na Bioquímica e na Biofísica. [...] A Bioquímica descobriu nos genes da célula germinal o plano da vida. É o programa de desenvolvimento inscrito nos genes, a prescrição aí armazenada. A ciência conhece já o alfabeto desta prescrição. Fala-se do “arquivo de informações genéticas”. Nesse conhecimento radica a expectativa segura de poder um dia chegar a ter mão na capacidade de fabricar e cultivar [*Herstellbarkeit und Züchtung*] técnico-cientificamente o homem. O assalto à estrutura genética do gameta humano, pela Bioquímica, e a desintegração do átomo pela Física atômica, encontram-se no mesmo trajecto de triunfo do método sobre a ciência (HEIDEGGER, [198-?], p. 9).

Mas a essência do homem é poética, porque este “habita poeticamente a terra”, como diz Heidegger (2012, p.165), e o habitar poeticamente revela que a essência humana é algo ainda a definir, não sendo possível de ser colocada dentro do projeto calculador do espírito científico, e nem ser definido pela antropologia, embora se tenha tido diversas teses afirmadas por vários pensadores, filósofos e pesquisadores. Habitar poeticamente é ir à contramão do que a cultura científica impugna como sendo possível de desvelamento. É acreditar na possibilidade do velamento, e que a clareira só se destaca quando há escuridão em sua volta. É nas florestas escuras e fechadas que o ser mora, e só quem concebe a existência como poesia no sentido da *ποίησις* grega consegue entender que a verdade do ser é *αλεθεια*.

É por isso que Heidegger entende o ser e o ser humano como *Dasein*, pois este não implica cisão entre ser e homem, os dois se dão e ocorrem na relação que “vai do homem ao ser e do ser ao homem” (HAAR, 1990, p. 101). E o *Dasein* enquanto seu ser-no-mundo se estabelece em relação com os entes diferentes dele, que contribuem na sua constituição enquanto *Dasein* e na sua relação com o ser. “O homem é *Dasein*, um ente tal que o seu ser-no-mundo, tal como os modos de ser do ente diferente dele mesmo, estão <<eternamente>> em questão no seu próprio ser” (HAAR, 1990, p. 96). O projeto cibernético calculador não consegue extrapolar a essência poética, algo que é velado a ela, porque está não concebe a

verdade como a *αλεθεια* a ser interpretada, mas busca uma verdade a ser definida conforme dita a subjetividade humana. “No entanto, a Cibernética vê-se na obrigação de confessar que, por enquanto, ainda não é possível controlar totalmente o *Dasein* humano” (HEIDEGGER, [198-?], p. 9-10).

Concluindo, percebe-se que o distanciamento da origem do pensamento ocidental foi crucial para a formulação de uma metafísica em que se buscava definir o ser, e muitas vezes causando uma cisão entre homem e φύσις. Para os gregos incipientes e formuladores de nossa cultura ocidental não há essa separação, pois homem e φύσις se davam em mútuo pertencimento e respeito. Eles sabiam respeitar a *αλεθεια*, e quando usavam da τέχνη era sobre a inspiração da ποίησις, na fabricação dos artefatos que necessitavam e com isso contribuía com acontecimento da *αλεθεια* enquanto ουσία no tempo.

Já na modernidade, que se tornou algo distante da origem, o ser passa a ser desrespeitado através do projeto científico que assume a questão metafísica. Ele permanece velado ao projeto cibernético e embutido nele internamente, acreditando-se que o mundo e o homem são algo a serem possíveis de cálculo matemático para ver o quanto suas reservas podem ser explorada. É assim que a armação formula um modo humano de pensar e de se relacionar com a natureza. Acreditamos que seja necessário um passo atrás a esse projeto calculador da realidade, ou seja, um retorno à origem ocidental, não para repeti-la, mas para se pensar e tomar os passos do futuro, onde o homem, natureza, e o ser possam ser respeitados e acolhidos em uma relação próxima como Heidegger propõe quando diz *Dasein*.

## Referências

HAAR, Michel. *Heidegger e a essência do homem*. Tradução de Ana Cristina Alves. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Tradução de Laura de Borba Moosburger. In: MOOSBURGER, Laura de Borba. “*A origem da obra de arte*” de Martin Heidegger. Tradução, comentários e notas. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2007a.

\_\_\_\_\_. *A proveniência da arte e a determinação do pensar*. Tradução de Irene Borges-Duarte. [s.l], [198-?]. Disponível em:

<[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache%3ADRbyTX7J2PoJ%3Awww.martin-heidegger.net%2FTextos%2Fhtml%2FAthenaer\\_Vortrag-Pt-fin%5B1%5D.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=ubuntu](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache%3ADRbyTX7J2PoJ%3Awww.martin-heidegger.net%2FTextos%2Fhtml%2FAthenaer_Vortrag-Pt-fin%5B1%5D.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=ubuntu)>. Acesso em: 09 set. 2012.

\_\_\_\_\_. A questão da técnica. Tradução de Marco Aurélio Werle. *Scientiae studia*, São Paulo, n. 3, p. 375-398, 2007b.

\_\_\_\_\_. *Ensaaios e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (Pensamento humano).

\_\_\_\_\_. O fim da filosofia e a tarefa do pensamento. In: \_\_\_\_\_. *Sobre a questão do pensamento*. Tradução de Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006. (Pensamento humano).

\_\_\_\_\_. Que é metafísica. In: \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os pensadores).

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica: prospectos acerca do futuro do homem*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

ZARADER, Marlene. *Heidegger e as palavras da origem*. Tradução de João Duarte. Lisboa: Instituto Piaget, 1990. (Pensamento e filosofia).

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia filosófica*. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010. V. I.